

UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO

Ana Valéria Piovesan

ARTICULADORES TEXTUAIS E SEU PAPEL NA
CONSTRUÇÃO DA ARGUMENTAÇÃO EM TEXTOS
DISSERTATIVOS

PASSO FUNDO

2017

Ana Valéria Piovesan

ARTICULADORES TEXTUAIS E SEU PAPEL NA
FORMAÇÃO DA ARGUMENTAÇÃO EM TEXTOS
DISSERTATIVOS

Monografia apresentada ao curso de Letras,
Português/Inglês e Respectivas Literaturas, do
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, da
Universidade de Passo Fundo. O trabalho é
requisito parcial para a obtenção do grau de
Licenciado em Letras e foi orientado pela Ms.
Elisane Regina Cayser.

Passo Fundo

2017

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus, meu amigo e conselheiro que sempre me deu forças e coragem para seguir e chegar ao final desta conquista.

À minha família, que sempre esteve presente nos momentos que mais precisei, pelo apoio, incentivo, carinho e também conforto nos momentos de euforia e desânimo.

De modo muito especial à minha querida orientadora Elisane Cayser, pela orientação, pelo conforto, pela atenção, dedicação, ajuda, tempo e carinho que teve comigo. Pela ajuda no empréstimo de material e por ser uma pessoa maravilhosa e inspiradora de como a Língua Portuguesa é fantástica.

Finalmente, agradeço a todos que colaboraram para que hoje esse trabalho fosse concluído. A todos os amigos que de uma forma ou de outra, com um conselho ou um gesto de carinho, permitiram minha chegada até aqui.

“A significação não está na palavra nem na alma do falante, assim como também não está na alma do interlocutor. Ela é o efeito da interação do locutor e do receptor produzido através do material de um determinado complexo sonoro. É como uma faísca elétrica que só se produz quando há contato entre dois polos opostos”.

Mikhail Bakhtin

“As palavras só têm sentido se nos ajudam a ver o mundo melhor.
Aprendemos palavras para melhorar os olhos”.

Rubem Alves

RESUMO

Todo discurso tem um viés argumentativo que trata de fundamentar ideias e pontos de vista com a finalidade de persuadir ou convencer interlocutor. Para organizar a argumentação dentro do texto, existem elementos que relacionam as ideias e estabelecem relações de sentido, além de organizar os argumentos. Esses elementos são os articuladores textuais, que além de estabelecerem a coesão, também reforçam ideias e sentidos pretendidos. Baseado nisso, o presente estudo consiste em analisar o funcionamento desses articuladores em textos dissertativos de alunos que ingressam na universidade. Para isso, é abordada a questão dos conectores e da polifonia e, na sequência, analisada as produções de textos de alunos nos níveis iniciais de um curso da Universidade de Passo Fundo levando em consideração todos os aspectos abordados. Por fim, constata-se que alguns alunos não sabem como utilizar esses conectores e por esse motivo acaba comprometendo a argumentação e coesão do texto.

Palavras-chave: Argumentação. Articuladores textuais. Conectores textuais. Coesão. Produção textual.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
1 ARGUMENTAÇÃO.....	10
1.1 O auditório universal.....	12
2 ARTICULADORES TEXTUAIS E SEUS EFEITOS.....	20
2.1 Conjunções argumentativas e polifonia	27
3 ANÁLISE DOS ARTICULADORES EM TEXTOS.....	33
3.1 A prova que deu origem aos textos e a proposta de produção textual.....	33
3.2 Os textos produzidos.....	33
CONCLUSÃO.....	46
REFERÊNCIAS.....	48

INTRODUÇÃO

A linguística textual surgiu na década de 60, na Europa, mas foi a partir dos anos 70 que ganhou projeção. Sua preocupação inicial foi descrever os fenômenos sintático-semânticos ocorridos entre enunciados, ou seja, nos níveis da frase.

Somente a partir de 1980 a Linguística Textual passou a ter várias vertentes e a analisar não enunciados, mas sim textos. Ou seja, a Linguística Textual “toma como objeto particular de investigação não mais a palavra ou a frase isolada, mas o texto” (KOCH, 2001, p.14). Assim, o texto é mais que a frase de ordem qualitativa, por isso passou a se pesquisar o que faz com que um texto seja realmente um texto e quais são os elementos que são responsáveis por sua constituição.

A produção textual causa certa insegurança por parte dos alunos que, na maioria das vezes, apresentam dificuldade na produção de um texto. Uma das dificuldades é em montar um todo organizado de sentido e coeso. Isso se deve ao fato de que muitos alunos não sabem como utilizar certos conectores que são importantes para que isso se estabeleça num texto. Principalmente em textos dissertativos, em que é preciso argumentar, esses conectores, se usados de forma correta, têm papel fundamental para a construção da argumentação e fundamentação das ideias que o aluno pretende expor. Além disso, esses conectores possuem um papel muito importante na coesão do texto, pois servem como uma espécie de “ponte” que liga argumentos e partes do texto dando sequência e sentido a ele. Os conectores, além de contribuírem para a coesão e a argumentação, também contribuem para a construção do sentido com suas múltiplas possibilidades de serem empregados. Portanto, é muito importante que os alunos conheçam e saibam como usar esses conectores, para que assim, possam melhorar e aperfeiçoar suas habilidades de produção de texto e conseqüentemente, fazer um bom trabalho na hora de dissertar e expor seus argumentos. E é justamente esse o objetivo do presente trabalho, analisar como esses articuladores aparecem nos textos de alunos e como podem melhorá-los.

“A interação social por intermédio da língua caracteriza-se, fundamentalmente, pela argumentatividade” (KOCH, 1984, p.19). Ou seja, de acordo com Koch, no momento em que usamos a língua, estamos argumentando.

O objetivo de toda argumentação, como dissemos, é provocar ou aumentar a adesão dos espíritos às teses que se apresentam a seu assentimento: uma argumentação eficaz é a que consegue aumentar essa intensidade de adesão, de forma que se desencadeie nos ouvintes a ação pretendida (ação positiva ou abstenção) ou, pelo menos, crie neles uma disposição para a ação, que se manifestará no momento oportuno. (PERELMAN, OLBRECHTS-TYTECA, p.50)

A argumentação provoca efeitos: “argumentar é a arte de convencer e persuadir”. [...] Ou seja, sempre quando falamos temos um objetivo, uma finalidade a atingir, e isso é construído por meio de elementos denominados articuladores textuais.

Tais articuladores podem relacionar elementos de conteúdo, ou seja, situar os estados de coisas de que o enunciado fala no espaço e/ou no tempo, bem como estabelecer entre eles relações de tipo lógico-semântico; podem estabelecer relações entre dois ou mais atos de fala, exercendo funções enunciativas ou discursivo-argumentativas; e podem, ainda, desempenhar, no texto, funções de ordem meta-enunciativa. (KOCH, 2006, p.133)

Na produção textual, as conjunções são elementos fundamentais para estabelecer uma organização no texto. “O que normalmente se diz das conjunções é que elas ligam orações. Isto sem dúvida é verdade, mas esta classe de palavras tem, nas construções em que aparece, outras funções, seguramente tanto e até mesmo mais significativas”. (GUIMARÃES, 2007, p. 35) Ou seja, as conjunções funcionam como articuladores textuais responsáveis, também, pela construção do sentido nos textos ou para reforçar as ideias expostas:

Quando interagimos através da linguagem (quando nos propomos a jogar o “jogo”), temos sempre objetivos, fins a serem atingidos; há relações que desejamos estabelecer, efeitos que pretendemos causar, comportamentos que queremos ver desencadeados, isto é, pretendemos *atuar* sobre o(s) outro(s) de determinada maneira, obter dele(s) determinadas reações (verbais ou não verbais) (KOCH, 2001, p.29).

Ou seja, a linguagem possui vários mecanismos que contribuem para desencadear as reações pretendidas. Na perspectiva da polifonia, há uma argumentação por autoridade, “quando se encena a voz de um enunciador a partir da qual o locutor, identificando-se com ele, argumenta” (KOCH, 2002, p. 66).

Para contribuição desse estudo teórico e de análise foi necessário o embasamento em teóricos do assunto. A fundamentação teórica acontecerá a partir da obra de Chaim Perelman,

Lucie Olbrechts- Tyteca, *Tratado da argumentação: a nova retórica*, que traz todos os âmbitos e estratégias argumentativas. Também serão utilizadas várias obras da pesquisadora Ingedore Koch, que aborda marcas linguísticas e também faz análises desses recursos em alguns textos, além de analisar estratégias de progressão textual, assim como- processos inferenciais e outros recursos. A pesquisa também contará com a obra *Texto e Argumentação, um estudo das conjunções do português*, de Eduardo Guimarães. Nessa obra, o autor trabalha com vários conectores e suas possibilidades de sentido em um texto, além de abordar juntamente com os conectores, o estudo polifônico das vozes no texto. E como suporte para retomadas de conceitos relacionados a texto e textualidade, a obra de Maria da Graça Costa Val, *Redação e Textualidade*.

A pesquisa está dividida da seguinte maneira: o primeiro capítulo dedica-se ao estudo das teorias da argumentação, desde o seu surgimento até técnicas utilizadas. O segundo capítulo consiste no estudo a respeito dos conectores e seus efeitos no texto. Também discute-se os efeitos polifônicos e a autoridade que eles constroem nos textos. Já o terceiro capítulo contém as análises feitas a partir de oito redações de alunos que realizaram a prova de comprovação de competência em Leitura e Produção de Textos da Universidade de Passo Fundo. Nessas análises, foram levados em conta todos os aspectos estudados nas teorias dos capítulos anteriores dos trabalhos. Por fim, aparecem as considerações finais, traçadas a partir das análises feitas.

1 ARGUMENTAÇÃO

O estudo sobre a argumentação surgiu em 427 a.C., na Grécia Antiga. Era denominada Retórica. O povo grego usava as estratégias argumentativas com a finalidade de atingir a persuasão dos auditórios. “Cabe à retórica mostrar o modo de constituir as palavras visando convencer o receptor sobre determinada verdade” (Citelli, 2007, p.8).

A retórica tem, para Aristóteles, algo de ciência, ou seja, é um *corpus* com determinado objeto e um método verificativo dos passos seguidos para se produzir persuasão. Assim sendo, caberia à retórica não assumir uma atitude ética, dado que seu objetivo não é o de saber se algo é ou não verdadeiro, mas sim analítica- cabe a ela verificar quais os mecanismos utilizados para se fazer algo ganhar a dimensão de verdade. (CITELLI, 2007, p. 10)

Ou seja, a retórica tem como objetivo observar os mecanismos utilizados para atingir a persuasão, não dando importância se os fatos são ou não verdadeiros. Trata-se de descobrir o que é adequado para persuadir. “A retórica é uma espécie de código dos códigos, está acima do compromisso estritamente persuasivo (ela não aplica suas regras a um gênero próprio e determinado), pois abarca todas as formas discursivas” (CITELLI, 2007, p. 11).

A argumentação é um processo pelo qual se tenta convencer, persuadir alguém sobre determinado fato, assunto. Para que uma argumentação seja eficaz, é preciso que ela desencadeie nos ouvintes a ação que se pretende. É quase impossível encontrarmos alguma manifestação que não seja persuasiva, como Citelli afirma: “o elemento persuasivo está colado ao discurso como a pele ao corpo” (2007, p.6), ou seja, sempre que colocarmos a língua em uso já estamos argumentando, uma vez que “a interação social por intermédio da língua caracteriza-se, fundamentalmente, pela argumentatividade” (KOCH, 1984, p.19).

Para Perelman, (1984, p.16), “toda argumentação visa à adesão dos espíritos e, por isso mesmo, pressupõe a existência de um contato intelectual”. Para que haja argumentação, é preciso que pelo menos dois interlocutores participem do processo de interação. O mínimo para que uma argumentação aconteça é que exista uma técnica que possa permitir a comunicação. E é dessa forma, que a comunidade dos espíritos se forma. Querer convencer alguém é um processo que exige formação e fundamentação

por meio de argumentos cabíveis, se preocupando com seu interlocutor, pois é a ele que se pretende influenciar.

Quanto ao auditório, Perelman o define como “o conjunto daqueles que o orador quer influenciar com sua argumentação” (1984, p.22). Ou seja, é importante que o orador conheça seu auditório, o público ao qual irá dirigir-se e procurar influenciar, pois conhecer aqueles que pretende influenciar é condição prévia para se realizar uma argumentação eficiente:

É muito comum acontecer que o orador tenha de persuadir um auditório heterogêneo, reunindo pessoas diferenciadas pelo caráter, vínculos ou funções. Ele deverá utilizar argumentos múltiplos para conquistar os diversos elementos de seu auditório. (PERELMAN, 1984, p.24)

É o auditório quem deve julgar a qualidade da argumentação e o desempenho dos seus oradores. Por isso, a principal função do orador é conhecer e se adaptar ao seu público.

Também há uma distinção entre *convencer* e *persuadir*, sendo que persuadir é mais que convencer do ponto de vista do resultado; e convencer é mais importante do que persuadir do ponto de vista da adesão. A persuasão “é saber gerenciar relação, é falar à emoção do outro” (ABREU, p.9), consiste em levar a certezas, valendo “só para um auditório particular”, enquanto que convencer, “é saber gerenciar informação, é falar à razão do outro, demonstrando, provando” (ABREU, p.9), leva a inferências, “deveria obter a adesão de todo ser racional” (PERELMAN, 1984, p.31).

Quando é válida para qual, ao menos na medida em que este tem razão, seu princípio é objetivamente suficiente e a crença se chama *convicção*. Se ela tem seu fundamento apenas na natureza particular do sujeito, chama-se *persuasão*. A persuasão é mera aparência, porque o princípio do juízo que está unicamente no sujeito é tido por *objetivo*. (KANT, 1927, p.634-5, apud Perelman, 1984, p.31).

Para os discursos persuasivos, existem regras a serem aplicadas. Aristóteles fixa o texto em quatro instâncias sequenciais e integradas: o exórdio, que é a introdução, a parte que inicia e que dá ideia de que assunto irá ser abordado; a narração, que é o andamento do assunto, o desenvolvimento de todas as ideias e dos fatos; as provas, que é a parte persuasiva, a que faz com que o argumento tenha veracidade e credibilidade; e

a peroração, que se trata da conclusão, a parte em que se retoma o que foi dito anteriormente, defendendo seu ponto de vista.

Com isso, percebe-se que a convicção pode ser aplicada a qualquer sujeito, uma vez que ela tem o caráter da verdade, enquanto que, a persuasão só atinge unicamente um indivíduo.

Verossímil é, pois, aquilo que se constitui em verdade a partir de sua própria lógica. [...] persuadir não é apenas sinônimo de enganar, mas também o resultado de certa organização do discurso que o constitui como verdadeiro para o destinatário. (CITELLI, 2007, p. 15)

Como já mencionado, é a natureza do auditório que determina como serão os argumentos e a postura que as argumentações assumirão frente ao público-alvo. Há três tipos de auditórios: o primeiro, auditório *universal*, composto por homens adultos e normais; o segundo, *interlocutor*, formado somente pelo diálogo; e o terceiro, *o próprio sujeito*, quando ele trabalha com seus atos. É a essa distinção que o trabalho se dedica na sequência.

1.1 O auditório universal

Quando se trata de um auditório heterogêneo, a argumentação demanda aspectos específicos. O orador deverá conhecer muito bem o seu auditório, para fazer uso de argumentos convincentes que possam, de fato, influenciar o público.

Uma argumentação dirigida a um auditório universal deve convencer o leitor do caráter coercitivo das razões fornecidas, de sua evidência, de sua validade intemporal e absoluta, independente das contingências locais ou históricas. (PERELMAN, 1984, p. 35)

É com base nesses que são desenvolvidos os diálogos do nosso dia a dia, sem intenção de tentar persuadir ou convencer o auditório.

“A escolha do ouvinte único que encarnará o auditório é determinada pelas metas que o orador se atribui” (PERELMAN, 1984, p.44). Dessa maneira, é preciso seguir os procedimentos da argumentação para ter uma ideia de como caracterizar adequadamente o grupo a ser alcançado.

Conforme o gênero do discurso, o orador tem diferentes propósitos a atingir. Por exemplo, no judiciário, contestar o justo; no epidíctico, abordar sobre elogio ou censura.

Para reconhecer esses propósitos, é preciso reconhecer os valores e o modo de adesão de cada um. No gênero epidíctico, “a argumentação se propõe aumentar a intensidade da adesão a certos valores” (PERELMAN, 1984, p. 56) e, assim, o orador cria uma comunhão com todos os valores que são reconhecidos pelo auditório. Dessa forma, o orador, nesse discurso, se faz educador.

Enquanto o propagandista deve granjear, previamente, a audiência de seu público, o educador foi encarregado por uma comunidade de tornar-se o porta-voz dos valores reconhecidos por ela e, como tal, usufrui um prestígio devido a suas funções. (PERELMAN, 1984, p.58)

Assim, observa-se que no gênero epidíctico, o orador é muito próximo do educador e sua função está em representar uma comunidade. Para isso, é preciso que o orador tenha qualificações para usar as palavras, pois defenderá um todo e os valores que “são meios que permitem determinar uma ação” (PERELMAN, 1984, p.58). Ou seja, os valores determinarão as intenções desejadas do discurso.

Na educação, é preciso que o discurso do orador tenha argumentos didáticos, não sendo relevante se são verdadeiros ou não, e nem se defende e carrega valores. Como o orador é alguém que carrega confiança, ele não precisa adaptar-se a seu público e nem fazer uso de teses que seu auditório aceita. Portanto, “toda argumentação se concebe, nessa perspectiva, apenas em função da ação que ela prepara ou determina” (PERELMAN, 1984, p.60).

O discurso epidíctico e a educação visam menos aos valores e suas mudanças do que a adesão. Já a propaganda atua em sentido contrário, buscando enfatizar os valores e crenças presentes no discurso. “A argumentação é uma ação que tende sempre a modificar um estado de coisas preexistentes” (PERELMAN, 1984, p.61). Por isso, o gênero epidíctico é considerado argumentativo, pois ele reforça, defende valores presentes.

O pensamento argumentativo e a ação realizada estão intimamente ligados, uma vez que, a argumentação somente se desenvolve em uma situação real de comunicação, ou seja, quando a língua é posta em uso. O filósofo Calogero determinou como “dever do diálogo”- um número reduzido de pessoas que dão mais importância ao pensamento do que a ação “liberdade de exprimir sua fé e de esforçar-se por converter os outros a

ela, dever de deixar os outros fazerem a mesma coisa conosco” (CALOGERO 1949, p. 97, apud PERELMAN, 1984, p.62).

Quanto ao fanatismo e conceptismo, “a argumentação visa uma escolha entre possíveis; propondo e justificando a hierarquia deles, ela tenciona tornar racional uma decisão” (PERELMAN, 1984, p.70). Ou seja, ao contrário da argumentação, o fanatismo e o conceptismo tendem a envolver-se com a violência, já que- o fanático se envolve num ato e “idolatra” um argumento como verdade absoluta, - que não pode ser contestada. Enquanto isso, o céptico não se envolve, pois acredita que se o envolvimento ocorrer, ele irá aderir e ficar como o fanático.

“Tanto o desenvolvimento como o ponto de partida da argumentação pressupõem acordo do auditório” (PERELMAN, 1984, p.75). Esse acordo tem como objetos as premissas implícitas, as ligações, a análise da argumentação sobre esses aspectos diante dos ouvintes. São elementos que constroem a persuasão. Os objetos dos acordos podem servir de premissas. Os tipos de acordos desempenham um papel diferenciado no processo argumentativo. Eles são agrupados em duas categorias: o *real*, dos fatos, verdades, e o *preferível*, dos valores e hierarquias.

“Na argumentação, a noção de “fato” é caracterizada unicamente pela ideia que se tem de certo gênero de acordos a respeito de certos dados” (PERELMAN, 1984, p.75). Dentro do auditório universal, a adesão do fato não será absorvida, mas sim, uma reação a algo que está sendo levantado a todo o público. Os fatos que são admitidos podem ser possíveis, de observação, hipóteses. Porém, deverão se defender de outros fatos que virão a confrontar com eles na mesma situação.

As verdades correspondem ao que já foi citado a respeito dos fatos. Os fatos são acordos que podem ser precisos, improváveis, enquanto que as verdades são ligações relacionadas aos fatos e que trazem valores aos mesmos.

“As presunções são admitidas de imediato, como ponto de partida das argumentações” (PERELMAN, 1984, p.79). Ou seja, trata-se de conclusões tiradas de início, sem que seja analisado nenhum ponto de vista. O uso das presunções resulta em enunciados que têm a veracidade duvidosa, uma vez que - não se basearam em indícios - nem em fatos para que tal conclusão fosse tirada.

Toda argumentação carrega um valor, mas não cabe o impor aos outros. As opiniões se tratam disso, acordos carregados de valores, mas que não se impõem às outras pessoas do grupo, justamente pela multiplicidade de ideias do todo.

É realmente difícil acreditar que critérios puramente formais possam entrar em linha de conta. Pois um mesmo enunciado, conforme o lugar que ocupa no discurso, conforme o que anuncia, o que refuta, o que corrige, poderá ser compreendido como relativo ao que se considera comumente fato ou ao que se considera valor (PERELMAN, 1984, p.85).

Ou seja, depende do contexto ao qual faz parte e da interpretação que foi feita. Os valores não pretendem a adesão do auditório. Os valores universais, segundo (E. Dupréel, 1911 apud PERELMAN, 1984, p.86) são chamados de “valores de persuasão”, pois são elementos que não se pode separar da matéria e que ficam à disposição para qualquer ocasião.

A argumentação se baseia tanto nos valores concretos quanto nos abstratos. Os valores concretos consistem a entes vivos, a um grupo determinado. “A valorização do concreto e o valor conferido ao único estão estritamente ligados: desvelar o caráter único de alguma coisa é valorizá-la pelo próprio fato” (PERELMAN, 1984, p.87). Para examinar os argumentos concretos, cabe olhar para seu aspecto único, de posição arbitrária. São usados na maioria das vezes para fundar os argumentos abstratos e vice versa.

Já os valores abstratos não levam em conta pessoas e estão vinculados à mudança, como exemplos, a justiça e a veracidade. Assim, esses valores são inconciliáveis, uma vez que, somente pode mudá-los ou modificá-los. Não é o que acontece com os argumentos concretos, que pelo fato de estarem ligado a pessoas, podem ser conciliados para se estabelecer uma harmonia. Por isso, um valor funda o outro, já que, os valores concretos tratam da materialidade humana que é constituída pelos valores abstratos.

Além dos valores, a argumentação se sustenta em hierarquias. Essas hierarquias se apresentam em dois aspectos: as concretas, que mostram a superioridade do homem diante dos animais, e são ligados a unidades concretas; e as abstratas, que expressam a superioridade do justo sobre o útil. Na argumentação, “o grau superior é caracterizado por uma maior quantidade de certo caráter” (PERELMAN, 1984, p.91). Os valores são

considerados vínculos entre si, mas são as hierarquias os aspectos mais importantes no processo argumentativo.

Para fundamentar valores ou hierarquias, pode-se recorrer a premissas, qualificados como lugares. Aristóteles distinguia dois tipos de lugares: os lugares-comuns, aqueles possíveis de utilizar em qualquer situação, lugares gerais e de uso frequente. Já os específicos, como o próprio nome já diz, são usados para situações específicas, particulares, para lugares definidos.

O lugar da quantidade consiste em algumas coisas serem melhores do que outras por razões de quantidade. Permitem valorizar a verdade comparada a opiniões supérfluas. Os lugares de qualidade são usados quando se duvida do número. Isso mostra que há diferentes relações com os indivíduos. Por exemplo, algumas pessoas são mais próximas justamente pelo fato de dar mais importância a elas e também por manter relações com as mesmas. Assim, como há pessoas que não se tem ligações ou por falta de amizade ou de conhecê-las.

Outro tipo de lugar é o irreparável, que se apresenta como um limite: “é realmente um lugar do preferível, no sentido de que, quando ele se refere a um objeto, só pode ser na medida em que este é portador de um valor” (PERELMAN, 1984, p.104). Ou seja, só será argumento irreparável se conseguirmos atribuir um valor a certo objeto.

O lugar do existente é aquele em que afirmam a superioridade do que existe, é atual, possível ou impossível. Já o lugar da essência, diz respeito a um valor superior aos indivíduos, ou seja, é uma comparação. Por exemplo, para ser um bom coelho, é preciso que o animal tenha todas as características que o tornem um bom coelho.

O senso comum é um conjunto de crenças admitidas em um determinado grupo social, juntamente com acordos a serem seguidos e estabelecidos naquele grupo. Esses acordos constituem o *corpus* de uma sociedade e despertam convenções e adesões a certos textos, caracterizando cada auditório. “Os acordos de auditórios especializados podem comportar definições particulares de certos tipos de objetos de acordo, por exemplo, do que é um fato. Referem-se também à maneira pela qual estes podem ser invocados ou criticados” (PERELMAN, 1984, p. 115). Um fato é aquilo que os textos permitem tratar a respeito. Para alguns auditórios, ele pode trazer veracidade a um fato

que está sendo levantado. Isso também quer dizer que se um fato for de relevância para uma pessoa, pode não ter o mesmo sentido para outra. Dessa forma, a argumentação deve ser selecionada de acordo com as características do público a ser atingido.

A argumentação possui inúmeras possibilidades e pode conceder valores e fatos. As condições de tempo, lugar e valores de interesse pessoal denunciam a presença. A presença na argumentação é muito marcante e essencial, pois, não se prende às convicções, mas carrega consigo características que determinam e denunciam certos aspectos importantes no processo argumentativo. “Toda argumentação supõe, portanto, uma escolha, que consiste não só na seleção dos elementos que são utilizados, mas também na técnica da apresentação destes” (PERELMAN, 1984, p. 136).

Quanto aos fatos, a argumentação leva em conta a credibilidade que eles passam o significado e a intenção de atribuir determinado sentido àquele discurso. “Os dados constituem, na prática argumentativa, elementos sobre os quais parece existir um acordo considerado, pelo menos de um modo provisório ou convencional, unívoco e fora de discussão” (PERELMAN, 1984, p. 137). Em outras palavras, a maneira como irão ser interpretados os dados é que pesará.

A múltipla interpretação de textos apresenta duas distinções: entre signo e indícios. Os signos consistem em elementos que levam a outro fenômeno, quando colocados em funcionamento. Possuem como função a comunicação. Já os indícios provocam outros fenômenos, aqueles que carregam uma intenção. Por exemplo, o ato de fechar uma janela pode ser em um caso, um signo, somente com a intenção de comunicar, mas também, pode ser um indício de que alguém está com frio. Assim, tudo dependerá da interpretação que se faz a respeito dos fatos e dados apresentados. É sempre o contexto, “que atribui a uma palavra sua função e é somente pelo contexto que podemos descobrir o que ela desempenha” (PERELMAN, 1984, p. 140). Com isso, percebemos que uma palavra solta tem um sentido vazio, mas, quando colocada dentro de um discurso, ela terá um sentido atribuído.

Outro fato que deve ser levado em conta na interpretação de textos são as informações implícitas, aquelas que ficam subentendidas no texto, mas, que são fundamentais para a construção de sentido. “Se a interpretação de um texto deve traduzir o conjunto das intenções do autor, há que se levar em conta o fato de o texto

comportar em geral uma argumentação implícita, que constitui o seu essencial” (PERELMAN, 1984, p. 141). Cabe, também, analisar o texto dentro do contexto no qual ele foi escrito, pois assim, novas informações podem ser interpretadas: “a linguagem não é somente meio de comunicação, é também instrumento de ação sobre as mentes, meio de persuasão” (PERELMAN, 1984, p. 149-150). O termo específico escolhido traz uma intenção argumentativa, pois, “não existe escolha neutra” (PERELMAN, 1984, p.169), ou seja, dependendo do contexto no qual o texto foi escrito e as escolhas argumentativas do autor forma feitas, é criado um determinado sentido. O sentido de um argumento isolado é perigoso, por isso é necessário que seja considerado o discurso como um todo.

Na argumentação, há técnicas essenciais, como a identificação de inúmeros elementos que são o objeto do discurso. Esses elementos são chamados de definições e consistem em quatro tipos: as normativas indicam a forma que determinada palavra deve ser utilizada; as descritivas que descrevem o sentido de uma palavra em certo meio; as de condensação identificam os elementos das descritivas e as complexas combinam, variando, todos os elementos das definições anteriores. O caráter argumentativo das definições sempre se apresenta sob dois aspectos muito ligados: devem ser justificadas e valorizadas com base em argumentos.

São vários os tipos de argumentos, entre eles: os de reciprocidade, quando é aplicado o mesmo tratamento a duas situações; os de transitividade, que estabelecem relações de igualdade, superioridade. Como o nome já diz, visam transitar nas relações entre argumentos; os argumentos de comparação são aqueles que estabelecem analogias, por exemplo, “seus olhos são lindos como o céu”; o argumento pragmático, essencial na argumentação, pois, ele aprecia os dois lados da ação, suas consequências e previsões. É muito objetivo e apresenta validade; o argumento do desperdício é aquele que, após ter começado um processo, deve ir até o fim naquele mesmo sentido; o argumento de direção é aquele que direciona e auxilia no desempenho e cumprimento de etapas; o argumento de autoridade é aquele que se utiliza de um ato de alguém ou de um grupo de pessoas para trazer credibilidade e veracidade ao argumento por ele levantado: ele vem completar uma argumentação, nunca aparece sozinho. “De um lado, recorre-se a ele quando o acordo sobre o que se expressa está sujeito a ser questionado;

de outro, o próprio argumento de autoridade pode ser contestado” (PERELMAN, 1984, p.350).

A força os argumentos está ligada à adesão do ouvinte e à importância e relevância dos argumentos. A força irá variar de um auditório a outro, pois cada auditório tem características específicas. “Por isso a força de um argumento se manifesta tanto pela dificuldade que haveria para refutá-lo como por suas qualidades próprias” (PERELMAN, 1984, p.524). Também depende do contexto, porque certos argumentos terão mais força em determinadas situações.

A adesão a uma argumentação depende do auditório. A partir daí, a situação se modifica, dependendo de como os argumentos serão recebidos pelo auditório. As crenças e pontos de vistas não são mudados, porém, o ouvinte não fica como antes.

Três pontos de vista, pelo menos, podem ser adotados na escolha da ordem persuasiva: o da situação argumentativa, ou seja, da influência que terão, sobre as possibilidades argumentativas de um orador, as etapas anteriores da discussão; o do condicionamento do auditório, ou seja, das modificações de atitude geradas pelo discurso; enfim, o das reações suscitadas, no auditório, pela apreensão de uma ordem no discurso (PERELMAN, 1984, p.557).

Portanto, a ordem persuasiva apresenta três situações que causam efeitos nos ouvintes, desde impressões a modificações. O capítulo a seguir irá tratar sobre os efeitos que alguns conectores da Língua Portuguesa podem provocar no texto e denunciar a argumentação.

2 ARTICULADORES TEXTUAIS E SEUS EFEITOS

No primeiro capítulo foi abordado o estudo da argumentação, e nesse, será trabalhada a questão de como os articuladores textuais ou conectores, pois a concepção será a mesma, contribuem para fundamentar a argumentação em textos dissertativos, além de trabalhar com o efeito causado por eles no texto. Antes de definir articuladores textuais, é preciso saber no que consiste um texto. “Um texto é uma unidade da linguagem em uso” (COSTA VAL, 1999, p. 3), ou seja, um todo significativo dentro de um contexto e de uma situação de comunicação. Nele, intenções do autor, jogos de palavras e articulações textuais para estabelecer determinado sentido, juntamente com subtendidos e pressupostos, fazem parte do conjunto. Pode-se afirmar também que um texto é caracterizado por uma unidade material. “Seus constituintes linguísticos devem se mostrar reconhecivelmente integrados, de modo a permitir que ele seja percebido como um todo coeso” (COSTA VAL, 1999, p. 4).

Os articuladores ou conectores textuais são palavras responsáveis por estabelecer a ligação entre as partes que compõem um texto. Eles consistem em palavras-chaves para construção de argumentos ou para reforçar a ideia, o sentido pretendido. Na gramática tradicional essa função de articulador textual é atribuída às conjunções, pois elas têm como papel justamente como o próprio nome diz articular uma coisa à outra.

Tais articuladores podem relacionar elementos de conteúdo, ou seja, situar os estados de coisas que o enunciado fala no espaço e/ou no tempo, bem como estabelecer entre eles relações entre dois ou mais atos de fala, exercendo funções enunciativas ou discurso-argumentativas; e podem, ainda, desempenhar, no texto, funções de ordem meta-enunciativa. (Koch, 2006, p.133)

Além dessas funções, os articuladores textuais carregam o pensamento e a intenção do autor para ligar as partes do texto. Eles se classificam em três classes: os de conteúdo proposicional, os enunciativos ou discursivo-argumentativos e os meta-enunciativos. Koch (2006, p.133) exemplifica os tipos de articuladores:

➤ **Articuladores de conteúdo proposicional:** entre eles, marcadores de relações espaço-temporais.

Ex: **Defronte da loja**, deteve-se um instante; **depois**, envergonhada e a medo, [...] e indicadores de relações lógico-semânticas (condicionalidade, causalidade, finalidade ou mediação, oposição/contraste, disjunção).

Ex: Não fui à festa **porque** não estava bem.

➤ **Articuladores enunciativos ou discursivo-argumentativos:** “são os que encadeiam atos de fala distintos, introduzindo, entre eles, relações discursivo-argumentativas: contração (oposição/contraste/concessão), justificativa, explicação, generalização, disjunção argumentativa, especificação, comprovação, entre outras” (KOCH, 2006, p.134). Ou seja, são conjunções que ligam um enunciado a outro por meio de uma conjunção estabelecendo relações.

Ex: “O silêncio era o mesmo que de dia. **Mas** a noite era a sombra, era a solidão ainda mais estreita, ou mais larga” (Machado de Assis, “O Espelho”, op. Cit., p.32).

➤ **Articuladores meta-enunciativos:** “comentam de alguma forma, a própria enunciação”. Subdividem-se em nos seguintes grupos:

1) delimitadores de domínio- que explicitam o âmbito dentro do qual o conteúdo do enunciado se verifica: **Geograficamente**, o Brasil é um dos maiores países do mundo; **economicamente**, é um país endividado; **politicamente**, ainda não conseguiu a sua plena independência.

2) organizadores textuais: (MAINGUENEAU, 1996, p. 170 apud Koch, 2006, p.135) “descreve como marcadores de integração linear, cuja função é estruturar a linearidade do texto organizá-lo em uma sucessão de fragmentos complementares que facilitam o tratamento interpretativo”. Exemplo: **primeiro(amente)/depois/em seguida/ enfim**, entre outros.

3) modalizadores epistêmicos: que assinalam o grau de comprometimento/engajamento do locutor com relação ao seu enunciado, o grau de certeza com relação aos fatos enunciados. Exemplo: **evidentemente, não há como negar, aparentemente**.

4) atitudinais ou afetivos: encenam a atitude psicológica com que o enunciador se representa diante dos eventos de que fala o enunciado. Exemplo: **infelizmente, desgraçadamente**.

5) axiológicos: expressam a valoração atribuída aos eventos, ações e situações a que o enunciado faz menção. Exemplo: **curiosamente, mais uma vez**.

6) de caráter deôntico: indicam o grau de imperatividade/facultatividade atribuído ao conteúdo proposicional. Exemplo: **é indispensável, opcionalmente**.

7) atenuadores: com vista à preservação das frases. Exemplo: **talvez fosse melhor, no meu modesto modo de entender, creio que.**

8) metaformativos: que se subdividem em:

a) comentadores de forma que o enunciador se representa perante o outro. Exemplo: **francamente, honestamente, sinceramente.**

b) comentadores da forma do enunciado. Exemplo: **em síntese, em suma, para recordar, resumidamente.**

c) nomeadores do tipo de ato ilocucionário que o enunciado pretende realizar. Exemplo: **eis a questão, minha crítica é que, cabe perguntar se.**

d) comentadores da adequação do tema ou dos termos utilizados. Exemplos: **por assim dizer, como se diz habitualmente, para falar de modo que todos entendam.**

e) introdutores de reformulações ou correções. Exemplo: **quero dizer.**

f) introdutores de tópico. Exemplo: **a respeito da questão, [...] gostaria de dizer que.**

g) interruptores e reintrodutores de tópico. Exemplo: **quanto, é interessante lembrar que, voltando ao assunto.**

h) marcadores conversacionais que operam o “amarramento” de produções textuais. Exemplo: **aí, daí, então, agora, aí então.**

Os articuladores textuais também são considerados como elementos de coesão. A coesão é a responsável pela conexão de um elemento a outro, estabelecendo relações de sentido.

A coesão é, pois, uma relação semântica entre um elemento do texto e algum outro elemento crucial para a sua interpretação. A coesão, por estabelecer *relações de sentido*, diz respeito ao conjunto de recursos semânticos por meio dos quais uma sentença se liga com a que veio antes, aos recursos semânticos mobilizados com o propósito de criar textos. A cada ocorrência de um recurso coesivo no texto, denominam “laço”, “elo coesivo” (KOCH, 2001, p. 17).

Os elementos de coesão estabelecem várias relações, entre elas, (CUNHA, 1997)

➤ **Relação de condicionalidade:** quando dois enunciados são ligados pelo conector *se*: uma contém a condição e outra poderá vir com um implícito ou explícito. Além do *se*, também são conectores de condicionalidade: **caso, contanto que, a menos que, desde que,...**

Ex: **Se** estudarem, serão aprovados.

➤ **Relação de causalidade:** quando uma das preposições contém a causa e a seguinte apresenta a consequência. Essa relação pode ser expressa pelos conectores: **porque, já que, uma vez que, visto que,...**

Ex: Choveu tanto **que** as ruas ficaram alagadas.

➤ **Relação de finalidade:** apresenta a forma de se atingir determinado fim. Articuladores que expressam essa relação: **a fim de que, para que, para.**

Ex: Tomou todas as precauções **para que** nada desse errado.

➤ **Relação de conformidade:** a relação se dá por meio da conformidade presente em uma afirmação relacionada à outra. Expressam essa relação: **como, conforme, consoante, segundo, para,...**

Ex: Os empregados fizeram tudo **conforme** o patrão mandou.

➤ **Relação de temporalidade:** quando indicam tempo. Essa relação pode ser de três tipos:

a) **Tempo simultâneo:** marcado pelos conectores **quando, assim que, logo que, enquanto,...**

Ex: **Assim que** chegou à loja, as portas se abriram.

b) **Tempo anterior/ tempo posterior:** marcado por conectores como, **antes que, depois que.**

Ex: Fez sua matrícula **depois que** viu seu nome no listão.

c) **Tempo contínuo ou progressivo:** introduzido pelos conectores: **enquanto, desde que, à medida que.**

Ex: **À medida que** se aproximava da cidade, sua ansiedade aumentava.

➤ **Relação de oposição:** trata-se de duas proposições que se contradizem, que são opostas. Essa relação de oposição se dá por meio de conectores como: **mas, porém, contudo, entretanto, todavia, embora, no entanto, apesar de,...**

Ex: **Embora** estivesse muito cansado, foi à festa.

➤ **Relação de adição:** conectores que estabelecem uma relação de adição de argumentos. Articuladores como **e, também, não só... mas também, além de, ainda,...**, dão ideia de adição aos enunciados.

Ex: O governo afirma que alguns itens da cesta básica **não só** tiveram seus preços inalterados, **mas também** baixaram de preço.

➤ **Relação de conclusão:** quando um conector estabelece um valor conclusivo com relação ao enunciado anterior. Conectores que estabelecem essa relação: **logo, portanto, pois, então,...**

Ex: Paulo é extremamente estudioso, **por isso** mereceu ser aprovado no vestibular.

➤ **Relação de comparação:** estabelecida pelos articuladores: **menos... (do) que, tanto/tal...como,...** Esses elementos estabelecem uma relação de comparação entre duas proposições, analisando os objetos, o aspecto e o articulador usado para formar essa relação.

Ex: Paulo estava **mais bem** preparado **do que** Pedro.

➤ **Relação de disjunção:** estabelecidos pelos conectores: **ou...ou, ora...ora, quer...quer,...** Expressam alternância entre dois enunciados.

Ex: Você prefere ver filmes no cinema **ou** na TV?

Na produção textual, as conjunções são elementos fundamentais para estabelecer uma organização no texto.

O que normalmente se diz das conjunções é que elas ligam orações. Isto sem dúvida é verdade, mas esta classe de palavras tem, nas construções em que aparece, outras funções, seguramente tanto e até mesmo mais significativas” (GUIMARÃES, 2007, p. 35).

Ou seja, as conjunções funcionam como operadores argumentativos que são responsáveis, também, pela construção do sentido nos textos.

Quando interagimos através da linguagem (quando nos propomos a jogar o “jogo”), temos sempre objetivos, fins a serem atingidos; há relações que desejamos estabelecer, efeitos que pretendemos causar, comportamentos que queremos ver desencadeados, isto é, pretendemos *atuar* sobre o(s) outro(s) de determinada maneira, obter dele(s) determinadas reações (verbais ou não verbais) (KOCH, 2001, p.29).

Eduardo Guimarães traz um estudo a respeito das conjunções levando em conta os aspectos de: a) inversão de orações; b) possibilidade de articulação; c) alcance da

negação; d) alcance da pergunta; e) modo de encadeamento no texto; f) divisão para interlocutores numa conversa; g) divisão da entonação em uma frase; h) correlação dos modos verbais na oração. Entre as conjunções que desempenham essas funções estão: **logo, pois, já que, e, além disso, não só... mas (também), ou...ou, ou, mas, embora, para que, quando, que**. Dessa maneira, nota-se que “a organização textual tem como um dos seus fundamentos a orientação argumentativa” (GUIMARÃES, 2007, p. 116). Koch (2001, p.31) cita algumas conjunções, que são os principais tipos de operadores, entre eles:

- Que assinalam o argumento mais forte no sentido de determinada conclusão: **até, mesmo, até mesmo, inclusive**.

Por exemplo: O evento contou com a presença de várias personalidades de sucesso, **inclusive** o Presidente da República. Nota-se por meio dessa frase que o argumento mais forte e mais importante vem seguido pela conjunção **inclusive**, trazendo uma carga mais forte para o que foi dito após a conjunção.

- Que somam argumentos a favor de uma mesma conclusão como já citados anteriormente.

Exemplo: Pedro **não só** trabalha em uma empresa **como também** estuda à noite, além disso pratica esportes nos finais de semana. Por meio do exemplo, pode-se perceber que os conectores **não só, como também e além disso** tem como função acrescentar, somar um argumento relacionado a Pedro.

Dentro desses tipos de conectores, encontra-se o **aliás**. Esse articulador tem como função dar uma carga decisiva ao argumento em questão. É o conector que dá um “xeque-mate” com relação aos argumentos anteriores.

Ex: Pedro não só trabalha em uma empresa como também estuda à noite, além disso, pratica esportes nos finais de semana. **Aliás**, é um dos empregados mais dedicados da empresa.

- Que introduzem uma ideia de conclusão com relação a argumentos já apresentados, como também já citados anteriormente.
- Que introduzem argumentos que se alternam.

- Que estabelecem relações de comparação entre elementos: **mais que, menos que, tão...como, etc.**

Ex: Helena é **tão** alta **como** Marcela.

- Que introduzem uma justificativa ou explicação.
- Que contrapõem para conclusões contrárias: **mas (porém, contudo, todavia, no entanto, etc.), embora (ainda que, posto que, apesar de (que) etc).**

Ex1: A equipe jogou bem, **mas** o adversário venceu a partida. Uma observação a ser feita a respeito do articulador **mas** é que todo argumento que vier posterior a ele será o argumento mais forte e que prevalecerá, como no exemplo abaixo:

Ex2: O terreno é caro, **mas** é bom. Percebe-se que nesse exemplo o **mas** está introduzindo ao argumento que prevalece no enunciado, pois apesar do terreno ser caro, vale a pena porque ele é bom.

- Que introduzem no enunciado conteúdos pressupostos: **já, ainda, agora, etc.**

Ex: Paulo **ainda** mora no Rio. Com esse articulador, é introduzido um pressuposto de que Paulo já morava antes no Rio.

- Que se distribuem em escalas opostas, uma em afirmação total e outra em negação total: **pouco, um pouco, quase,...**

Ex: Lúcia estudou **pouco** para a prova.

Outro exemplo de conectores responsáveis por esses efeitos são o **quase** e **apenas**. O articulador **quase** aponta para a afirmação do total enquanto que o articulador **apenas** para a negação do total.

Ex: a) A maioria dos cidadãos já vota conscientemente: QUASE 80%.

b) São poucos, mesmo agora, os que votam conscientemente: APENAS 20% (KOCH, 2001, p.38).

Além de introduzirem conteúdos de sentido ao texto, os articuladores textuais também são responsáveis por marcar a pressuposição. E os verbos, responsáveis por essas marcas linguísticas:

- Verbos que indicam mudança ou permanência de estado, como **ficar, começar a, passar a, deixar de, continuar, permanecer, tornar-se, etc.**

Ex: Pedro começou a trabalhar. O pressuposto existente é que Pedro não trabalhava e esse sentido se deve ao verbo **começar**.

- Verbos que são complementados pela enunciação de um fato, como: **lamentar, lastimar, sentir, saber, etc.**

Ex: Lamento que você tenha sido demitida. Pressuposto de que não sabia do fato que ocorreu. São muito utilizados no cotidiano, quando quer se vincular uma informação nova, de uma maneira a “amenizar” o que está sendo dito.

- Conectores circunstanciais: **desde que, antes que, depois que, visto que, etc.**

Ex: **Desde que** Luís ficou noivo, não cumprimenta mais as amigas. Nessa frase, o pressuposto é que Luís ficou noivo e por essa razão não cumprimenta mais suas amigas.

Além dos articuladores textuais, há também os indicadores de modalidade, que também são importantes para a construção do sentido no texto e demonstrar o modo como aquilo foi dito. Os principais tipos são: **necessário, possível, certo, incerto, duvidoso, obrigatório, facultativo (KOCH, 2001, p.47).**

Ex: **É necessário** que a guerra termine./ **É possível** que a guerra termine.

Existem também, outras formas de modalizadores, como advérbios, locuções, auxiliares, auxiliares mais verbos, etc. Assim, percebe-se que os modalizadores podem indicar modalidades diferentes e uma mesma modalidade pode ser expressa por recursos linguísticos de diferentes tipos.

Outros tipos de indicadores são os de atitude ou estado psicológico. Nesses tipos, o locutor se apresenta por meio dos enunciados, ou seja, contém uma atitude subjetiva, formas de intensificar, adjetivar, modalizar ou ainda delimitar.

Ex: a) **Infelizmente**, não poderei ir à sua festa. (marca subjetiva do locutor)

b) O engenheiro realizou um **excelente** trabalho. (avaliação e qualidade do trabalho)

2.1 Conjunções argumentativas e polifonia

“O termo polifonia designa o fenômeno pelo qual, num mesmo texto, se fazem ouvir ‘vozes’ que falam de perspectivas ou pontos de vista diferentes com as quais o locutor se identifica ou não” (KOCH, 2001, p. 58). Dentro da polifonia há dois níveis: a) o locutor, que é responsável pelo enunciado; e b) enunciadores- aqueles responsáveis pelos pontos de vistas e perspectivas no interior do enunciado.

Na perspectiva da polifonia, há uma argumentação por autoridade, “quando se encena a voz de um enunciador a partir da qual o locutor, identificando-se com ele, argumenta” (KOCH, 2002, p. 66). Há vários tipos de enunciados polifônicos, entre eles os conclusivos, aqueles que são introduzidos a partir de um conector que expressa conclusão com relação ao argumento anterior; os introduzidos pelo conector **não só...mas também** que será explicado logo abaixo; os que ocorre o uso “metafórico” do futuro do pretérito, usando a voz que argumenta, porém de uma maneira que a responsabilidade pelo que foi dito não se assume; e enunciados que são introduzidos por **parece que, segundo tal**, etc.

Alguns operadores e formas linguísticas são responsáveis por denunciar no texto esse efeito de várias vozes. Entre eles:

a) **ao contrário, pelo contrário.**

Ex: Roberto não é um traidor. **Pelo contrário**, tem-se mostrado um bom amigo (KOCH, 2001, p.58). Nessa frase, percebe-se a presença de duas vozes, uma implícita dizendo que Roberto é um traidor e outra se orientando na mesma direção com o operador **pelo contrário**.

b) Os articuladores **mas** e **embora**. O argumento principal é sempre atribuído à outra voz, a ele se opõe um argumento mais forte, posterior ao emprego desses articuladores.

Ex: A equipe da casa não jogou mal, **mas** o adversário foi melhor e mereceu ganhar o jogo (KOCH, 2001, p. 36). Percebe-se nesse exemplo a presença de duas vozes, uma que o adversário foi melhor e por isso o time da casa não merecia ganhar e a outra que a equipe da casa merecia ganhar, mas jogou mal.

Os conectores **mas** e **embora** podem estabelecer duas funções, de argumentativos ou de coordenativos. Ex: a) Não queria (X), **mas** fiz o trabalho (Y), porque será melhor pra mim (Z). b) Fiz o trabalho (X), **embora** não quisesse (Y), porque será melhor pra mim (Z) (GUIMARÃES, 2007, p. 110).

Nota-se no caso do exemplo a que a oração Z está articulada com a Y, e não com a X. Isso acontece em função do conector **mas** estar contrariando a primeira oração e a Z estar explicando a anterior. Já no exemplo b, nota-se que a oração Z está articulada

com a oração X e não com a Y que contém o **embora**. Isso se deve porque o sentido da oração Z é construído em relação a X pelo conector porque que serve como explicação.

Dessa maneira, percebe-se que o encadeamento das orações se estabelece com **mas**. Ou seja, o **mas** é um articulador que estabelecerá relações e sentidos após seu emprego enquanto que o **embora** introduz as relações e sentidos pretendidos ligando ao argumento posterior. “Vê-se deste modo como a direção para a qual os operadores argumentativos indicam não são segmentos futuros do texto, mas são lugares semânticos que organizam os textos, para além, ou aquém, de sua segmentabilidade” (GUIMARÃES, 2007, p. 115).

Nos exemplos a seguir, está explicada a inversão que é possível fazer com os articuladores **mas** e **embora**:

a) Os incidentes de Leme envergonham o país, **mas** o país não parece estar envergonhado.

b) O país não parece estar envergonhado, **embora** os incidentes de Leme o envergonhem.

c) **Embora** os incidentes de Leme envergonhem o país, ele não parece estar envergonhado (GUIMARÃES, 2007, p. 119-120).

Observa-se nesses três exemplos que o foco argumentativo é o mesmo, dizer que apesar de tudo o país não se revolta. Porém, há aspectos que diferem um exemplo do outro. No exemplo a, o **mas** introduz à segunda oração colocando-a em oposição a primeira e dando maior ênfase ao argumento que precede o conector. O **mas** estabelece uma frustração com relação ao fato levantado pelo locutor na oração anterior.

No exemplo b, não há argumento que predomine. Dessa forma, um serve como complemento ao que já foi dito, pois ambos tratam da mesma perspectiva.

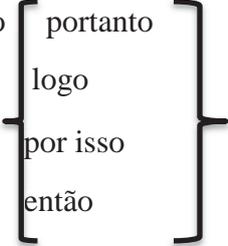
Já no exemplo c, o **embora** no início introduz o argumento mais grave que são os fatos de Lemes, no entanto o argumento posterior mostra que esse fato não é tão grave assim, já que o país não tem nenhuma reação. Com esses três exemplos sobre os conectores **mas** e **embora**, foi possível perceber que os conectores possuem uma função importante no que diz respeito às relações textuais:

[...] o jogo enunciativo entre representação do sujeito da enunciação, orientação argumentativa e articulação tema/comentário do recorte produzem estratégias de relação

diversas que criam vários caminhos na organização textual e, portanto, na constituição dos diversos efeitos de sentido destes recortes (GUIMARÃES, 2007, p. 121)

c) Os articuladores **conclusivos**. Ex: Carlos é dorminhoco. Não pode, portanto, vencer na vida. (“Quem cedo madruga, Deus ajuda”) (KOCK, 2001, p. 59). Ou seja, o interlocutor concorda com essa afirmação argumentando também no mesmo sentido.

Outro exemplo é o conector **portanto**. Considerada pela gramática como uma conjunção conclusiva, esse conector estabelece uma relação de conclusão entre a oração anterior, uma consequência ao que foi falado. O que deve ser lembrado é que os conectores não se limitam somente a ligar orações ou parágrafos, mas sim implicar em um efeito de sentido.

Ex: Ele é brasileiro  joga bem (GUIMARÃES, 2007, p.150).

Nesse exemplo percebe-se que quaisquer uns dos conectores conclusivos listados são responsáveis pelo sentido criado. Nota-se que qualquer operador de relação conclusiva que se utilize tem algo que está implícito. No caso do exemplo o que está implícito é que todo brasileiro joga bem, ou seja, quando falam que alguém é brasileiro, automaticamente já sabem que joga bem. Outro ponto a analisar é que a oração é constituída de uma relação entre argumento/conclusão, em que ser brasileiro é argumento para jogar bem e isso é precedido por um conector conclusivo. A informação implícita nessa frase é de que todo brasileiro joga bem. Além disso, constata-se que esses conectores conclusivos são polifônicos, uma vez que a voz presente no primeiro argumento também aparece na conclusão.

d) O articulador **não só... mas também**.

Conjunção classificada como aditiva, **não só... mas também**, estabelece uma relação de soma a ideias presentes em orações. Mas, em alguns casos, esse conector serve somente como articulador de orações, como no exemplo:

Ex: *Não só* Pedro **mas também** João veio (GUIMARÃES, 2007, p. 125). Nessa oração, percebe-se que não há argumento mais forte que outro, mas sim os dois tem a mesma força, pois além de Pedro, João também veio, ou seja, os argumentos e/ou informações dadas são iguais.

Os conectores apresentam um tratamento argumentativo, como é o caso de **não só...mas também**, que em alguns casos, pode desempenhar papel de conector conclusivo. “As sentenças têm características que podem inviabilizar sua relação de argumento/ argumento ou conclusão/ argumento ou argumento/conclusão” (GUIMARÃES, 2007, p. 126). Assim, é preciso especificar as relações de sentido e conteúdo presentes em uma oração.

Ex: “Com mais ou menos cerimônia, segundo a circunstância, o leão tem avançado impiedosamente na caça dos fundos para sustentar a máquina do governo, responsável por mais da metade dos investimentos nacionais, em grande parte programados sem o menor esforço de um planejamento sensato. Nessa caçada, algumas artimanhas já se tornaram rotineiras. Neste ano, o preço do cigarro já subiu mais de 100% em apenas um semestre, não porque o público esteja fumando desesperadamente mas porque essa é a principal fonte de arrecadação do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI). Os derivados de petróleo estão carregados de taxas e impostos em seus preços de venda ao consumidor, para financiar **não só** a Petrobrás **mas** um grande número de projetos na área Energética” (GUIMARÃES, 2007, p. 127).

a) Estes tributos são para financiar a Petrobrás.

b) Para financiar **não só** a Petrobrás **mas também** outros projetos da área energética (GUIMARÃES, 2007, p. 129).

Nesses exemplos, observa-se que a conjunção **não só... mas também**, é polifônica, pois a voz presente na primeira frase está também presente na segunda. Na segunda frase também percebe-se que a conjunção estabelece uma soma com relação ao que será feito com os tributos. Também é possível analisar o poder dos argumentos das frases acima, em que se pode dizer que um argumento só é argumento na medida em que o outro também é, pois os dois se fazem argumentos juntos. Outra interpretação possível é de que esses conectores podem estabelecer uma relação de finalidade, pois, expressam a finalidade com que os tributos serão investidos, que é na Petrobrás e em

outros projetos da área. “Ou seja, a significação de uma expressão linguística não é o que resulta da combinação dos elementos de uma estrutura, mas é o que resulta da relação discursiva dos usos das regularidades linguísticas pelos falantes”. (GUIMARÃES, 2007, p. 146)

Logo, pode-se dizer que o articulador **não só... mas também**, ora articula argumentos, ora articula conclusões e muitas vezes, representa a força argumentativa presente, além de atribuir os argumentos a enunciadores diferentes, já que trata-se de um conector polifônico.

Além das conjunções que marcam polifonia, há as conjunções que marcam pressuposição, mas também, as vozes presentes. Ex: Mariana **continua** linda (KOCH, 2001, p. 59). A partir desse exemplo, percebe-se que é compartilhado por mais de uma pessoa, um interlocutor e mais alguém, pois há o pressuposto de que Mariana já era linda.

Após estudar os efeitos que os articuladores textuais podem desempenhar no texto, o capítulo a seguir tratará de analisar o uso e o efeito desses conectores em textos de alunos que cursam os primeiros níveis de um curso da área de Ciências Exatas da Universidade de Passo Fundo. A análise levará em conta todos os aspectos abordados nesse capítulo, mostrando de que maneira eles foram utilizados no texto para atingir o sentido pretendido.

3 ANÁLISE DOS ARTICULADORES EM TEXTOS

O capítulo anterior deteve-se ao estudo dos conectores responsáveis pela argumentação no texto. O presente capítulo, por sua vez, abordará os efeitos que esses conectores estabelecem em textos de alunos dos níveis iniciantes de um curso da área de Ciências Exatas da Universidade de Passo Fundo.

3.1 A prova que deu origem aos textos e a proposta de produção textual

Os textos resultaram da prova de Comprovação de Competência em Leitura e Produção de textos da Universidade de Passo Fundo. Essa prova é dividida em duas partes: compreensão textual e produção textual. A prova é do ano de 2017/1 e a proposta de produção textual que os alunos deveriam realizar era a seguinte:

É cada vez mais comum nos depararmos com jovens em situação de transgressão à lei. Produza um texto dissertativo-argumentativo (de 15 a 25 linhas) em que sejam apontadas pelo menos duas causas para que isso aconteça especificamente com pessoas dessa faixa etária.

3.2 Os textos produzidos

Na redação 1, os parágrafos que serão analisados são a introdução e conclusão.

A transgressão a lei esta cada vez mais comum entre os jovens da nossa sociedade, **pois** acreditam que não haverá impunidade, digo, punição para seus atos e muito menos um policiamento eficaz.¹

Observa-se que o aluno utiliza o articulador **pois**, que além de ser um elemento coesivo do parágrafo, também argumenta sobre o porquê dos jovens violarem as leis. Nesse caso, esse conector estabelece uma explicação ao argumento já dito e percebe-se que o articulador tem um efeito polifônico. Relembrando o conceito de polifonia: “fenômeno pelo qual, num mesmo texto, se fazem ouvir ‘vozes’ que falam de perspectivas ou pontos de vista diferentes com as quais o locutor se identifica ou não” (KOCH, 2001, p.58). Ou seja, o locutor, consegue colocar outro personagem dentro do

¹ As formas utilizadas pelos alunos serão mantidas sem alteração de eventuais erros ortográficos existentes.

²seu discurso. Então, nesse caso, percebe-se que o aluno trouxe a “voz” dos jovens que acreditam que não haverá punição para seus atos infratores.

Já o conector **e** é empregado com a finalidade de adicionar mais um argumento para explicar porque os jovens não obedecem às leis, que é pelo fato de acharem que não haverá policiamento. Além disso, é possível perceber que o argumento que o aluno utiliza após o conector é o mais forte, pois é acompanhado pelo *muito menos*, em que o ponto de vista anterior é atribuído à outra voz, que seria dos jovens e contrastado com o argumento posterior ao conector, que marca a voz do aluno.

Segue a conclusão do mesmo texto:

Portanto, cabe as nossas lideranças governamentais leis mais severas acompanhadas de punições marcantes e um policiamento diário **para que** o jovem pense e reflita sobre seus atos antes mesmo de cometê-los.

Já na conclusão, o articulador **portanto** introduz um efeito conclusivo em que o aluno expõe um argumento baseado em seu “conhecimento popular”, o que ele acredita ser eficaz para a resolução do problema. Outro fator que pode ser observado é que os argumentos conversam com a introdução. O aluno argumenta desde o início de seu texto quais são os fatores responsáveis por causarem a violação às leis por parte dos adolescentes, e na conclusão ele apresenta soluções para os fatores citados por ele desde o início. Além disso, o conector **para que** apresenta o argumento do aluno de que somente assim os jovens mudarão suas atitudes, introduzindo, então, uma finalidade, pois esse conector apresenta um argumento forte do aluno que acredita que essas atitudes são eficazes para mudança desse quadro atual.

Na redação 2, os parágrafos analisados serão, da mesma forma, os de desenvolvimento e a conclusão.

Pessoas na faixa etária de 15 anos à 25 anos estão cada vez mais envolvidos com drogas, **mas** muitos nem trabalham para o sustento de seu vício **e assim** acabam roubando coisas que não lhes pertencem para continuar com o mesmo e não estão muito preocupados com as consequências que isso pode lhe causar em um futuro

próximo **ou até mesmo** no momento do furto.

Para expor seus argumentos, o aluno utiliza o articulador **mas**, não como oposição ao argumento já citado por ele, mas como um conector que introduz o argumento mais forte e o ponto de vista principal abordado no parágrafo que é o fato dos jovens não sustentarem seus vícios e assim precisarem cometer crimes para suprir os mesmos.

Para Guimarães, “o **mas** aparece com uma função de correção de algo suposta ou realmente dito antes” (GUIMARÃES, 2007, p. 61). Assim, ele introduz a consequência que vem após o argumento de que pelo fato de muitos não trabalharem para sustentar seus vícios, acabam tendo que roubar para conseguir dinheiro. Essa consequência é marcada pelo conector **e assim**. Já o conector **ou** expressa sentido de alternância, mas também da certeza de que alguma consequência pelo uso de drogas acontecerá, seja no futuro ou até mesmo quando está no ato do roubo.

Outro ponto a observar é com relação ao **até mesmo**, que no texto está introduzindo o argumento mais forte, porque além de já serem graves as consequências futuras dos usuários de drogas, mais ainda poderá ser num momento de furto com outras pessoas envolvidas, por exemplo.

Relacionado a essas ideias, o aluno conclui sua redação da seguinte maneira:

No entanto a sociedade deveria apresentar mais formas de mostrar para esses jovens o que é o certo e o que é o errado, no momento do furto seja ele qual for o jovem ser preso **ou** ter que pagar pelo acontecido **e** não o perdendo porque é de menor de idade **e sim** mostrando ao mesmo as consequências de ter agido desta maneira.

Percebe-se que o aluno inicia sua conclusão não com um conector conclusivo, mas sim, com um adversativo, fazendo uma oposição aos argumentos levantados por ele no desenvolvimento, ou seja, negando todos os argumentos levantados por ele. Isso mostra que o aluno não tem uma habilidade de estabelecer uma continuidade no texto e nas ideias por ele expostas. E, em seguida, já traz soluções para o problema, argumentando sobre o papel que a sociedade poderia desempenhar. O aluno usa o conector **ou** que aparece como introdutor de alternância, dessa vez como medidas a

serem tomadas para punir os jovens infratores. O aluno levanta dois argumentos, ou prender os jovens ou pagarem de outra forma, mas sem deixar que a infração passe despercebida pelo fato de ser menor de idade. Assim, o aluno liga esse argumento por meio do conector **e**, que está adicionando uma ideia, a de que os jovens infratores não devem ser perdoados. Também é possível perceber que esse conector é polifônico, uma vez que o aluno traz o seu ponto de vista, deixando o implícito de que os jovens são perdoados por serem menores de idade. Já o articulador **e sim** vem opor o argumento de que o jovem não deve ser perdoado, afirmando que o que deve ser feito é mostrar as consequências do seu ato. Por fim, percebe-se que o conector desempenha a função de *mas*, pois opõe os argumentos, além de expor os pontos de vistas e soluções que o aluno acredita serem eficazes para resolução do problema.

A redação 3 atingiu a nota máxima da produção textual, que é de 2,5. O texto é organizado e bem estruturado com os parágrafos coesos. Os trechos retirados são o desenvolvimento e a conclusão.

Passando pelas ruas de cidades de todo o país, já é “natural” jovens dirigindo sem habilitação e despreocupados com a fiscalização (que muitas vezes não é realizada), ingerindo bebidas alcoólicas, ouvindo suas músicas favoritas com o som no volume máximo. Isso **porque**, o pensamento do adolescente é de que já se acha apto para realizar tais tarefas e não ser punido, **nem** em casa **e nem** judicialmente, **já que**, na maioria das vezes, os pais incentivam os filhos a dirigirem desde cedo, **e ainda**, entregam o carro em suas mãos.

Outro ponto que preocupa, são os altos índices de violência envolvendo jovens no país. Está cada vez mais normal ouvir notícias de jovens roubando lojas e bancos, fazendo parte de quadrilhas, matando pessoas por dinheiro ou drogas, por motivos de ciúmes em separação de seus relacionamentos, sendo presos, **mas logo** soltos pela falta de cumprimento das leis.

O fator mais importante para o combate dessas situações é o alto investimento em educação. Falta informações para esses jovens, falta estruturas para o melhor aproveitamento dos adolescentes de nosso país. **Isso somado** a consciência de país **e também**, de governantes, talvez seria o caminho para acabar com o problema, **junto**

com o cumprimento correto das leis.

O articulador **porque** usado pelo aluno tem como função explicar o argumento anterior citado por ele, que é sobre o comportamento do jovem. Após isso, ele usa o conector **nem... nem**, com sentido de alternância às punições aos adolescentes. O segundo **e nem** traz um efeito polifônico, uma vez que, o aluno se identifica com o ponto de vista, afirmando que se o jovem não é punido em casa, que é onde deveria, não é na justiça que ele receberá punição, deixando implícito que não há cumprimento da lei e muito menos punição por parte dos pais. Seguindo esse conector, aparece o **já que**, o qual “estabelece relações entre as orações e que a primeira das orações é *tema* da segunda” (GUIMARÃES, 2007, p. 78). Com isso, esse conector apresenta uma relação de causa ao sentido da falta de punição por parte dos pais e autoridades. Ele explica que a causa disso é pelo dos pais já incentivarem seus filhos desde cedo a dirigirem, mesmo sem habilitação e, já que eles incentivam isso, eles têm grande parte da culpa pelos jovens serem assim. Para reforçar esse argumento, está o conector **e ainda**, que tem efeito polifônico, pois o aluno traz o implícito de que são os pais os grandes culpados pelos jovens infratores, pois além de incentivarem a dirigir, ainda entregam o carro a eles, o que significa um grande perigo, e o que faz com que esse seja o argumento que prevalece no parágrafo, pois é o mais grave, o fato dos pais entregarem o carro a seus filhos.

No parágrafo seguinte, o trecho que inicia - **outro ponto que preocupa**- estabelece a coesão com o parágrafo anterior, mostrando uma sequência e conexão nas ideias e pontos de vistas elencados pelo aluno. Ele introduz um novo fato levantado pelo aluno que trata do envolvimento de jovens em crimes, como roubos, tráfico de drogas, assassinatos, porém sem punição alguma. Para estabelecer essa contradição, ele utiliza o conector **mas** que introduz a ideia de falta de cumprimento das leis, o que não poderia acontecer. Percebe-se a voz do aluno e sua opinião nesse argumento, pois o conector é polifônico, uma vez que é o aluno quem está afirmando que não há punição, fato esse também compartilhado pela sociedade.

Já na conclusão, o aluno inicia apresentando o fator chave que ele considera para a resolução desses problemas. Ele argumenta sobre a consciência dos pais, e para introduzir o argumento de que não são somente os pais que devem participar desse

processo, mas sim os governantes também, além de cumprir de forma adequada as leis, o aluno usa o conector **e também**, que juntamente com o conector **junto**, traz esse argumento a mais que reforça as soluções para o problema.

Na redação 4 serão analisados os trechos do desenvolvimento e a conclusão.

Principalmente em grandes metrópoles o número de pessoas desempregadas é muito grande e isso afeta principalmente jovens que estão iniciando sua carreira. Não tendo emprego, alguns jovens vão para a vida do crime e lá encontram uma “vida fácil”.

Outra causa de tantos roubos é essa forma de pensar só em si próprio que a maioria das pessoas tem e influenciados por isso jovens e adolescentes (uma parte deles) não perdem a oportunidade de furtar objetos, quando não tem condição financeira para comprar na maioria das vezes.

Em suma concluimos que as pessoas tem que mudar a forma de pensar e tentar alguma forma de ganhar dinheiro **para** obter as coisas com dignidade.

Em seu primeiro parágrafo de desenvolvimento, o aluno faz uso do conectivo **e**, em duas situações. Apesar da sua tradicional função de aditivo, nesses casos, introduzem consequências, a primeira de que os jovens são afetados de maneira negativa pelo desemprego e a outra de que os jovens vão para a vida do crime por encontrarem uma vida fácil lá. O segundo parágrafo está conectado com o anterior por meio da expressão **outra causa**, que além de retomar o que já foi dito, remete a um novo ponto de vista que o aluno expõe nesse parágrafo.

O último parágrafo da redação inicia com **em suma**, ou seja, o aluno resume tudo que ele desenvolveu nos parágrafos anteriores e a partir de seus pontos de vista e argumentos, aponta possíveis soluções para o problema. E, logo em seguida, o aluno também se inclui no texto, utilizando um verbo conjugado na segunda pessoa do plural, o **concluimos**, o que deixa implícito que ele se identifica com o fato e que apesar de não ser um dos únicos motivos esse, para o aluno é uma das principais consequências.

Na redação 5, pode-se observar a presença de outros conectores adversativos, que aparecem no desenvolvimento e na conclusão.

A política atual que o Brasil vive, com o anúncio e investigação de vários escândalos referentes a caixa dois ou lavagem de dinheiro, refletem o quão é relativo a questão de certo e errado para cada indivíduo. **Entretanto** esta situação não está apenas em Brasília, **mas** no cotidiano do país. Talvez o simples fato de alguns poderem agir de tal forma serve de incentivo, **assim** isso pode ser uma das justificativas da juventude transgredir normas e regras impostas pela sociedade.

Há corrupção **também** existe **até** nos órgãos que deveriam fiscalizar tais transgressões e notificar, **porém** o jeitinho brasileiro sempre impera, tentando tirar vantagem.

Então, como cobrar da juventude atitudes mais corretas se a sociedade brasileira dá exemplos contrários, onde sempre vence aquele que passa os outros para trás, que burla as leis, ou que fura a fila. É preciso modificar esse pensamento, a educação é uma maneira, **mas** não apenas na escola, a família é o berço, **todavia** os governantes precisam analisar isto, **pois** muitas vezes não é sua prioridade. **Por isso** o voto é tão importante **porque** elege quem nos representa, **e** ensinar a juventude a lutar por esse direito.

O primeiro parágrafo de desenvolvimento do aluno traz uma oposição ao primeiro argumento levantado por ele. Essa oposição se dá pelo conector **entretanto**, que opõe que a questão do dinheiro esteja somente em Brasília. Em seguida, o articulador **mas** é empregado para mostrar que a questão acontece também no cotidiano, trazendo o argumento mais forte da frase, que é o fato da corrupção estar presente no cotidiano de toda a sociedade. Assim, trata-se de um argumento polifônico, já que o aluno traz o ponto de vista de que não faz sentido a sociedade exigir ética dos governantes sendo que ela mesma é corrupta. Há uma ideia já espalhada por toda a sociedade de que a corrupção está somente em Brasília, o que é contraposto pelo aluno nesse argumento. E para encerrar o parágrafo, o aluno usa o conector **assim**, que traz uma justificativa dos jovens em transgredir leis pelo fato das pessoas não darem o exemplo.

Já no segundo parágrafo de desenvolvimento, o aluno faz uso do conector **também**, que adiciona um argumento estabelecendo uma conexão com o anterior já que os dois falam sobre práticas que infringem leis. Esse conector traz um sentido

polifônico, pois o aluno argumenta que justo os órgãos que deveriam fiscalizar e combater esses atos, são os que praticam, ou seja, uma prática inadmissível, essa ideia é introduzida pelo **até**, que adentra a ideia mais forte e mais importante do parágrafo. Para justificar, o aluno usa o conector **porém**, que por meio do jeitinho brasileiro sempre dá um jeito de “sair de fininho” das práticas corruptas cometidas no cotidiano.

E na conclusão, o aluno inicia com um conector conclusivo, o **então** para introduzir seus argumentos e soluções finais. Na segunda frase da conclusão o aluno apresenta uma solução para o problema, a educação. Utiliza o articulador **mas** para fazer referência que não é somente na escola que é preciso educar, isso é processo que inicia na família. Assim, percebe-se a polifonia, pois traz a opinião do aluno e o implícito de que hoje a missão de educar é conferida somente à escola o que não deveria acontecer. Ainda nesse argumento, o aluno utiliza o **todavia**, também polifônico, uma vez que o aluno afirma que a educação não é prioridade do governo, mas deveria ser. E, utiliza o **pois**, um conector explicativo, para chamar a atenção que deve-se analisar e rever as prioridades. Dessa forma, conclui usando o **por isso**, pois o aluno afirma que não adianta reclamar, a sociedade tem sua voz pelo voto, e apesar de muitos não fazerem uso dessa voz, é a única forma de mudar os representantes. Ele explica esse argumento introduzindo-o com o **porque**, incluindo uma ideia em que ele afirma que deve ensinar a juventude a lutar por esse direito, pois é a população que escolhe quem os representa.

A análise da redação 6 a seguir abrangeu-a de forma integral:

Jovens e a **desgressão** à lei

Não é de agora que a transgressão à lei vem ocorrendo **porém** está cada vez mais comum, principalmente entre os jovens.

Todos sabem que a escola é um dos principais educadores **tanto** de crianças **quanto** de adolescentes. **Por isso**, na maioria das vezes esses jovens que ficam fora dela acabam pendendo para o lado do crime **e** não respeitando a lei.

Outro fato muito importante é a falta de instrução dos pais em suas casas. A falta de atenção que ocorre muito, tendo em vista, que os pais na maioria das vezes passam seu maior tempo no trabalho ou realizando outras tarefas, **acarreta em um grau enorme para que isso aconteça**.

Por isso, para que esse problema seja resolvido é necessário o incentivo desses adolescentes desde muito cedo a frequentarem a escola **e também** que seja dada a atenção necessária a eles em seus lares.

No título, nota-se que o aluno utiliza o vocábulo “**desgressão**”, mostrando que o aluno não domina as regras de formação de palavras, já que o vocábulo que deveria ter sido usado era “transgressão”.

Na introdução o aluno utiliza o conector **porém**. Nesse caso, o conector opõe a ideia de que há muito tempo se constata o fato e que apesar disso, tem se tornado cada vez mais comum.

No primeiro parágrafo de desenvolvimento, o aluno faz uso de três conectores, **tanto...quanto, por isso** e **e**. O primeiro usado para acrescentar um argumento equivalente ao seguinte. Já o **por isso**, vem como uma explicação, que a causa dos adolescentes não respeitarem a lei, é, na maioria das vezes, pelo fato de ficarem fora da escola. Ao introduzir a explicação, ele exerce uma função coesiva com o argumento anterior. Sabe-se que coesão trata-se de “uma relação semântica entre um elemento do texto e algum outro elemento crucial para a sua interpretação” (KOCH, 2001, p. 17). Assim, esse conector “costura” os argumentos para formação da argumentação do aluno no texto, assim como em redações anteriores. Na mesma frase, o aluno utiliza também o conector **e**, onde sua função tradicional é adicionar ideias. No entanto, nessa frase ele traz um efeito conclusivo, pois o argumento que vem após ele, é a consequência dos

adolescentes não irem à escola, logo, eles não respeitam as leis. Esse parágrafo está conectado com o seguinte por meio do segmento: **outro fato muito importante**, que mostra uma sequência de argumentos elencadas pelo aluno. Ainda nesse parágrafo, percebe-se que o aluno não consegue dar continuidade à ideia pretendida ao final desse parágrafo. Assim, acaba por ser repetitivo e torna o argumento incompreensível.

Na conclusão, o aluno inicia com o conector **por isso**, e logo após faz uso do **para que**, que expressa a finalidade, a maneira como se deve agir para que se atinja o objetivo de reduzir o número de jovens infratores. Então, após citar uma solução, o aluno introduz seu último argumento por meio dos conectores aditivos, **e também**, dando a impressão de que essa seja a chave para solucionar o problema, ou seja, o argumento que prevalece sobre os outros.

Para finalizar, serão analisadas duas redações de alunos avaliadas como muito problemáticas pela banca responsável.

É necessário lutar por uma sociedade correta

Nos dias atuais, está cada vez mais forte a corrupção e o descumprimento da lei em nossa sociedade. É comum ver noticiários na TV apontando crimes cometidos por menores de idade.

Mas no entanto, muitos pais deixam de avaliar a vida de seus filhos **ou** muitas vezes deixam “passar batido” desregramentos da lei. **Como** por exemplo, em cidades pequenas é comum ver jovens menores de idade dirigindo carros sem a carteira de habilitação.

Todavia é fácil avaliar o erro do jovem que está distante da família em si, como os casos do noticiário. Muitos pais deixam **ou** acham de menor importância, erros pequenos que podem causar grandes prejuízos na sociedade.

Na redação 7, o aluno inicia sua introdução abordando a frequência de jovens que cometem crimes. Mas, quando ele passa a desenvolver suas ideias, a partir do segundo parágrafo, ele utiliza dois conectores adversativos, **mas** e **no entanto**, para contrapor. Não há necessidade de utilizar os dois, o aluno poderia ter feito uso de somente um. Mas, nesse caso, ele está acrescentando outro argumento, o fato dos pais deixarem “passar batido” o não cumprimento de regras de seus filhos. Então, um

conector adversativo não seria adequado para introdução de um novo argumento, mas sim um conector que expresse causa, por exemplo. Na continuação desse mesmo argumento, ele usa o conector **ou**, para alternar um dos motivos de haver jovens infratores, mas, com relação à falta de presença e acompanhamento dos pais. Como ligação a esses argumentos, o aluno traz um exemplo comparando que são mais comuns jovens dirigirem sem habilitação em cidades pequenas. Para fazer essa comparação, o aluno utiliza o conector **como**, que também estabelece a coesão com a frase seguinte. Assim, é possível perceber que apesar de usar conectores, o aluno não consegue dar sentido e nem continuidade a seus argumentos, muito menos de “costurar” as ideias.

O segundo parágrafo de desenvolvimento inicia com o conector **todavia**, conector esse que estabelece um sentido de oposição em relação aos argumentos do parágrafo anterior, além de trazer para o texto a “voz” do aluno que critica o fato de somente os jovens serem recriminados por seus erros e não seus pais pela falta de participação e acompanhamento em suas rotinas. Um problema presente nessa redação é o uso de vários conectores adversativos, que negam os argumentos expostos pelo aluno todo momento, tornando o texto confuso e de difícil entendimento e levando a concluir que o aluno não possui um bom domínio sobre o uso desses articuladores. Após, novamente, o aluno utiliza o conector **ou**, alternando os possíveis motivos dos pais não repreenderem seus filhos por cometerem atos infratores. Assim, ele encerra a frase e os argumentos citados se tomam como um todo.

Por fim, a redação 8, que também foi uma das que obtiveram a menor nota. No caso dessa redação, os parágrafos a serem analisados são o desenvolvimento e a conclusão.

Jovens, pegam carros de seus pais, sem idade perante a lei permitida, vão para rodovias, causam **acidentes (mortes)**. **Quem responde por seus atos são seus pais, que acabam por muitas vezes perdendo o controle entre o limite do certo ou errado (permitido e não permitido)**.

Outro caso é os roubos, onde jovens **ainda** menor de idade acabam se envolvendo com “grupos ruins”, perdendo a noção do sentido da moral causando vários roubos, às vezes propriamente roubos dentro de casa de pertences **ou até**

mesmo se envolvendo com quadrilhas.

Desta forma, o nosso mundo vai se transformando um diagnóstico triste onde a degradação moral deles, princípios morais acaba não mais em influenciando sobre eles **e até mesmo** levando os outros consigo mesmo.

No primeiro parágrafo o aluno parece não ter um domínio vocabular, pois ele precisa utilizar palavras entre parênteses para complementar sua ideia.

Analisando os dois parágrafos do desenvolvimento do aluno, percebe-se que a expressão **outro caso**, estabelece a conexão com os argumentos do parágrafo anterior e também como uma relação de adição, já que ele traz outros pontos de vista a respeito do assunto. O emprego do conector **ou** vem alternar as ações dos jovens que ou roubam suas casas ou se envolvem em quadrilhas. Após esse conector, o aluno usa **até mesmo**, que traz o argumento mais grave e mais forte de todo o parágrafo, a consequência dos jovens que se envolvem em quadrilhas. Trata-se de um conector importante, uma vez que, o aluno deixa que o pressuposto que roubar casas já é grave, porém, se envolver com quadrilhas é mais grave ainda, pois pode acarretar em situações ainda piores.

Para iniciar sua conclusão, o aluno utiliza o articulador **desta forma**, mostrando que fará referência a tudo que foi argumentado por ele em seu desenvolvimento e que justifica seu argumento seguinte quando ele diz “o nosso mundo vai se tornando um diagnóstico triste”. O aluno ao longo do seu texto não desenvolve nenhuma ideia relacionada a esse “mundo triste” que ele cita. Isso demonstra a insegurança do aluno quanto à formação da argumentação e da progressão de suas ideias ao longo do texto. Nota-se que não há uma sequência e nem pontos de vista específicos do aluno que ora fala de uma coisa, ora de outra.

E, para encerrar sua redação, o aluno novamente faz uso do conector **e até mesmo**, em que ele traz o argumento mais forte da conclusão, o fato da degradação moral influenciar alguns e até mesmo levar outros para o mesmo caminho, o que torna o problema ainda mais grave e que são cada vez mais comuns, as más influências. Nesse parágrafo é possível perceber a dificuldade encontrada pelo aluno em não conseguir variar o articulador, e conseqüentemente, fazendo uso dele novamente.

Assim, observa-se que os conectores tem um papel fundamental para a construção da argumentação em textos dissertativos. Também podem ser elementos coesivos dentro de um texto servindo como uma ponte entre os argumentos. Além disso, observou-se que os conectores usados incorretamente distorcem o sentido pretendido.

CONCLUSÃO

A falta de habilidade de construir um texto é cada vez mais evidente no ambiente escolar. Como consequência, os alunos ingressam na universidade com essa habilidade pouco desenvolvida.

A maior dificuldade encontrada na análise feita de textos de alunos universitários diz respeito à coesão e à organização das ideias. Muitos alunos que tiveram seus textos analisados demonstram que não sabem como e qual o sentido que alguns articuladores textuais podem desempenhar no texto.

Pode-se observar que os conectores adversativos que mais aparecem nos textos são o **mas** e o **porém**, sendo que em alguns casos é usado **todavia**, **no entanto** ou **entretanto**. Quanto aos conectores conclusivos, são bem variados. Não há um que predomina, cada aluno faz uso de um conector diferente para iniciar o fechamento de seus textos, como **portanto**, **então**, **em suma**, entre outros. Outros conectores frequentes nos textos dos alunos são o **pois**, para explicação ou causa, o **e** para adição e o **ou** para alternância. Esses são os conectores predominantes quando o aluno quer expressar esses sentidos. Isso leva a perceber que os alunos não possuem um repertório vasto de conectores, pelo contrário, eles fazem uso dos mais comuns, e não os variam ao longo do texto. Por exemplo, se utiliza um conector adversativo, ele repete-o novamente ao longo do texto, não o substitui por outro.

A ligação entre os parágrafos também é bem costurado pelos alunos que fazem uso de expressões como: **outro ponto que preocupa**, **outra causa**, **outro caso**, entre outros. Essas expressões servem para estabelecer a ligação e dar sentido e organização ao texto, adicionando um argumento e dando continuidade à linha de raciocínio do aluno.

Outra dificuldade percebida foi, em algumas vezes, a falta de propriedade e domínio do aluno para argumentar e expor suas ideias no texto. Além disso, constatou-se a falta de ligação e continuidade entre as ideias, muitas vezes causadas por um conector empregado de forma incorreta, o que comprometia todo o sentido e também a argumentação do texto.

Com isso, percebe-se a importância da escola no preparo de seus alunos os quais saem dela sem ao menos saber como empregar um conector de forma correta. É importante que a escola ensine seus alunos a refletirem sobre o uso e o sentido desses conectores e de como sua utilização de forma correta podem ajudá-los na construção e organização dos textos e argumentação.

Também é importante um trabalho constante com a produção textual, para que o aluno aprenda desde cedo como construí-lo e organizá-lo, além de saber como fundamentar e expor seus pontos de vista. Portanto, cabe aos professores essa tarefa, estimulando a produção dos alunos, não somente com relação a textos dissertativos, mas abrangendo vários gêneros. Assim, corrigir e mostrar o erro do aluno, fazendo-o refletir sobre o que foi escrito, ou seja, corrigir as produções, devolvendo-as aos alunos e fazendo com que ele refaça o texto, vendo o erro que cometeu, pode ser uma boa estratégia de ensino.

A partir dessas considerações, conclui-se que esse estudo foi muito significativo para a adoção de uma prática escolar que vise ao aperfeiçoamento das habilidades de produção dos alunos, pautando-se na realização de apontamentos tanto positivos quanto negativos, mas com a posterior reescrita do texto.

REFERÊNCIAS

ABREU, Antônio Suárez. *A arte de argumentar: gerando razão e emoção*. Disponível em file:///C:/Users/147920/Downloads/A%20arte%20de%20argumentar.pdf.

CITELLI, Adilson. *Linguagem e persuasão*. 16.ed. São Paulo: Ática, 2007.

COSTA VAL, Maria da Graça. *Redação e textualidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

CUNHA, Sérgio Fraga da... [et al]. *Tecendo textos*. Canoas, Ed. ULBRA, 1997.

FIORIN, José Luiz. *Argumentação*. São Paulo: Contexto, 2015.

FREITAS, Mirella de Oliveira. *Técnicas e operadores argumentativos em redações de universitários*. Artigo. Universidade Federal de Uberlândia – UFU, Uberlândia- MG.

GUIMARÃES, Eduardo. *Texto e argumentação: um estudo das conjunções do português*. Campinas, SP: Pontes, 4ª Edição revista e ampliada, 2007.

KOCH, Ingedore Villaça. *Argumentação e linguagem*. São Paulo: Cortez, 1984.

_____. In: *A coesão textual*. São Paulo, Contexto: 2001.

_____. In: *A inter-ação pela linguagem*. 6.ed. São Paulo: Contexto, 2001.

_____. In: *Desvendando os segredos do texto*. 5.ed. São Paulo: Cortez, 2006.

_____. In: *O texto e a construção dos sentidos*. 6.ed. – São Paulo: Contexto, 2002.

PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. *Tratado da argumentação: A nova retórica*. 2ª ed.- São Paulo: Martins Fontes, 2005.